

# Sarney afirma que o pior já passou

O Presidente anuncia que agora o "Brasil está no caminho certo"

"O Brasil está no caminho certo". Durante 15 minutos, ontem, o presidente José Sarney procurou convencer os brasileiros de que o País vai dar certo e que o pior já passou. "O poder civil está consolidado. Respira-se liberdade em todos os cantos do Brasil", garantiu. Utilizando-se de um tom emocional, o Presidente lembrou as circunstâncias em que assumiu a chefia do Governo e reafirmou a sua opção pelo crescimento. "O nosso caminho estava certo", disse ele para citar os indicadores econômicos e declarar que "o País está com sua economia reativada". Emocionado, pediu o apoio dos brasileiros, mas foi firme quando disse: "O Brasil sabe hoje que eu sou o presidente da responsabilidade".

O pronunciamento que foi ao ar, às 21 horas, através de uma cadeia de rádio e televisão, foi gravado no gabinete do Presidente, no terceiro andar do Palácio do Planalto. Ao contrário das vezes anteriores, Sarney não quis que nenhum dos seus assessores estivesse presente à gravação, fazendo questão de ficar a sós com os técnicos e os câmeras da Radiobrás. O texto final foi elaborado pelo próprio Presidente, durante o fim de semana no seu sítio em Luziânia.

O pronunciamento, que o Presidente preferiu chamar de breve conversa, é uma continuidade do primeiro, feito em julho, quando

ele tratou de cinco pontos: liberdade, desenvolvimento, opção social, identidade cultural, soberania e independência. Desta vez, contudo, ele procurou dar respostas aos problemas.

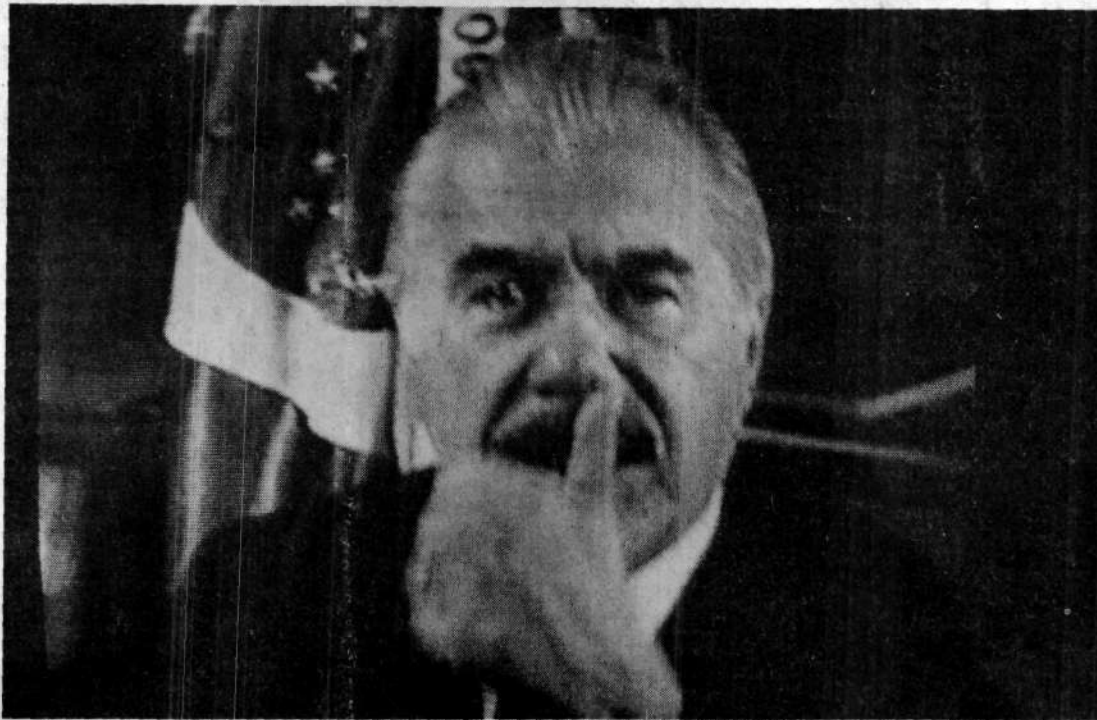
1) **Liberdade:** "O clima de liberdade que o País vive não tem precedentes em nossa história. Asseguramos direitos, liberamos procedimentos, enfrentamos movimentos reivindicatórios e, em nenhum momento, o Governo cometeu qualquer violência".

2) **Desenvolvimento:** "O crescimento econômico este ano ficará entre 6 e 7 por cento. A inflação está em baixa".

3) **Opção Social:** "Estão funcionando os programas de suplementação alimentar para pessoas de baixa renda, de aleitamento, de alimentação popular, de ampliação da merenda escolar, da cesta básica, da educação para todos".

4) **Identidade cultural:** "Intelectuais, artistas, cientistas, técnicos, estão trabalhando livremente". "Irei remeter ao Congresso Nacional antes do fim do ano um projeto criando incentivos fiscais para a cultura".

5) **Soberania e Independência:** "A visão de que a dívida é uma questão somente de banqueiros desapareceu ao peso da posição brasileira. O mundo passou a aceitar que a dívida é uma questão política, como nós defendemos".



O presidente Sarney, em seu pronunciamento, enumera as medidas adotadas pelo Governo

## Uma conversa com boas notícias

"Aqui é minha mesa de trabalho. Sete meses de luta e de sacrifício.

Não venho fazer um pronunciamento. Venho para uma breve conversa. Venho para dar boas notícias.

Demorei bastante em voltar a falar-lhes. Meu trabalho tem sido árduo. Aprendi que se convence mais pelo exemplo do que pela palavra.

O destino me entregou a maior responsabilidade que já foi colocada nos ombros de um político brasileiro.

Tenho procurado cumprir com o meu dever. Vontade e sacrifício não faltaram.

E não faltarão. Mas nem tudo são flores. Temos muitos problemas.

O Governo tem muitas falhas, mas afirma com absoluta certeza que já caminhou muito.

Nesses meses vencemos o pior. O poder civil está consolidado. Respira-se liberdade em todos os cantos do Brasil.

Não posso ser mágico, e do dia para a noite consertar o que não se consertou ao longo da História.

Quando eu assumi, fui recebido com grandes reservas: não era nem o "candidato do protesto", nem o "Presidente da Esperança".

Mas o Brasil sabe hoje que eu sou o Presidente da Responsabilidade. O meu jeito simples foi tomado como timidez e fraqueza. Minha prudência, como vacilação e ambigüidade.

Proclamaram o caos e o fracasso. Graças a Deus, nada disso ocorreu.

O Governo pode ser firme, sem ser arrogante. Pode comandar, sem empáfia nem ameaças.

A sociedade democrática e uma sociedade de convivência. Eu não acredito na fórmula maquiavélica de que o poder deve amedrontar, para ser respeitado.

Sempre preferi, ao longo da minha vida, ser estimado a ser temido.

Tenho a consciência histórica de que sou o fiador do equilíbrio. Mas temos ainda grandes tarefas a cumprir.

O Brasil precisa de paz e de conciliação, o grande legado de Tancredo Neves.

O Governo tem sido austero, simples, despojado, sério, contra a corrupção, lutando para implantar métodos de decência e eficiência.

No meu discurso de julho tratei de cinco pontos, e falei em liberdade, em desenvolvimento, em opção social, em identidade cultural, em soberania e independência.

Eles formam um todo articulado. E quero recordar o esforço que fizemos para implantá-los na ação conjunta do Governo. O clima de liberdade que o País vive não tem precedentes em nossa história.

Asseguramos direitos, liberamos procedimentos, enfrentamos movimentos reivindicatórios e, em nenhum momento, o Governo cometeu qualquer violência.

No quadro institucional, criaram-se mais de vinte partidos. Quem quis questionar e ter voz, teve essa oportunidade.

Atualmente, estamos mergulhados em uma campanha eleitoral para prefeito que se desenvolve em mais de duzentos municípios, incluindo neles todas as capitais, com um total de quase 20 milhões de eleitores, e os municípios de segurança nacional.

Achei que o Presidente não devia participar da campanha. E certo que, como político meu desejo é a vitória dos candidatos apoiados pelos partidos da Aliança Democrática, mas como Chefe da Nação, jamais eu teria o direito de dividir o País, com o envolvimento de minha autoridade.

O País consolida suas instituições em liberdade. E liberdade é vida, perspectiva de vida feliz.

O País vive neste instante um momento de graça.

Todo cidadão sabe que tem direitos e que exerce os seus direitos. Por outro lado, essa liberdade não ficou no campo político. Ela se afirmou no campo da iniciativa privada e na afirmação dos direitos sociais.

Abolimos a censura, quebramos tabus em relação a correntes que viviam na clandestinidade. Tivemos a coragem de integrar (não só legalizar), mas integrar, ao convívio político, partidos, entidades e pessoas segregadas por preconceitos ideológicos.

Questiona-se, discute-se. Enfim, o debate das idéias. A controvérsia passou a ser uma forma sadia da vida nacional. Ninguém tem medo de pensar nem de falar.

Tratei da opção social, da prioridade pelos pobres, do combate à fome e à miséria.

Todos os recursos disponíveis do Governo estão concentrados nessa área. Programas sociais, devemos proclamar, são difíceis de executar. Demandam recursos humanos, e obrigatoriamente exigem tempo para chegar a todos os lugares onde devem chegar. Temos contra nós a vastidão do País e a lentidão da burocracia. Mas eles estão funcionando.

Estão funcionando os programas de suplementação alimentar para pessoas de baixa renda, de aleitamento, de alimentação popular, de ampliação da merenda escolar, da cesta básica, da educação para todos.

Vamos falar da cultura. O Governo tem presente seu caráter diverso, múltiplo e dinâmico. Intelectuais, artistas, cientistas, técnicos, estão trabalhando livremente.

Começa um renascimento cultural, fruto do momento de discussão e de reencontro que o País vive.

No setor básico do ensino, estamos colocando novas técnicas a serviço da educação, programa este que será a verdadeira revolução educacional do Brasil, aquela que libertará o País da servidão da ignorância e que marcará a nossa História. Irei conjugar até o fim do Governo os recursos dos satélites e do vasto campo da informática para modernizar a educação no Brasil.

Irei remeter ao Congresso Nacional antes do fim do ano um projeto criando incentivos fiscais para a cultura. Essa lei se destina a ser um marco fundamental na história do País e libertará o nosso artista da tutela do Estado.

Vamos falar de política externa. Todos sabem que o Brasil não é hoje mais caudatário de nenhuma potência, nem prisioneiro de pequenos conflitos.

O Brasil ocupou o seu lugar. Passou a ser uma presença atuante no cenário internacional.

Na semana passada, eu ouvi do primeiro-ministro da China, e antes ouvira do presidente François Mitterrand, a repetição dos elogios sobre a posição e a presença do Brasil nas Nações Unidas.

O peso do Brasil aparece e se impõe. Isso se reflete em nosso relacionamento com todo o mundo.

Desapareceram do dia para a noite as comissões de organismos internacionais que auditavam órgãos governamentais, a nos ditar modas e que passavam freqüentemente pelo Brasil.

O nosso País retoma o comando do seu destino.

A visão de que a dívida é uma questão somente de banqueiros desapareceu ao peso da posição política, como nós defendemos.

Finalmente, soberania e independência não são mais palavras vazias. Hoje elas são uma realidade. A face do Brasil, internacionalmente, é outra face.

Esse é o testemunho da comunidade das nações.

Vamos falar do desenvolvimento. Tenho a afirmar: Quando assumi, fui aconselhado a seguir a fórmula da recessão. Devíamos parar tudo. Apertar. Arrochar salários. Parar investimentos. Porque essa era a receita da ortodoxia, "o manual do estadista". Estadista ai, podemos dizer, entre aspas.

Recusei. Disse não. Enfrentei ameaças.

A inflação iria a mil por cento, não haveria crescimento nenhum, o País seria desestabilizado, os bancos internacionais cortariam os créditos, os bens brasilei-

ros no exterior seriam penhorados.

Mesmo assim eu disse não a todas essas ameaças. E tinha convicção. "O Brasil vai crescer", respondi.

E aconteceu. Temos que combater a inflação sem gerar desemprego, quebras, ou convulsão social.

Afirmei: "Temos de crescer!" E tracei a meta de 5 por cento ao ano.

Meus compatriotas, Estamos chegando ao fim do ano e trago-lhes boas notícias.

O nosso caminho estava certo. O crescimento econômico este ano ficará entre 6 e 7 por cento. Mais do que prevíamos. O País está com a sua economia reativada. Saimos do marasmo. A taxa de desemprego caiu 29 pontos no último mês. Estamos no menor índice de desemprego de todos os tempos. Foram criados mais de um milhão e meio de novos empregos.

Os juros baixaram de 22 para 15 por cento. Rolamos toda a nossa dívida interna com esta taxa, o que significa uma grande economia para o Tesouro Nacional.

A indústria está crescendo cerca de 7 por cento, o comércio vende como nunca vendeu, cresce o mercado interno e nossas reservas internacionais já chegam a quase 9 bilhões de dólares.

A inflação, o grande monstro da inflação, está menor do que em 1984. A inflação está em baixa.

A iniciativa privada reanimou-se. Passou a ter confiança. Os investimentos voltaram.

Mas não devemos falar só dos indicadores da produção. Também dos indicadores sociais.

O salário real médio na indústria cresceu, só este ano, entre 13 e 14 por cento.

O nosso trabalhador teve mais dinheiro, está comprando mais. E em um ano recuperamos mais da metade das perdas acumuladas. O salário mínimo cresceu como não crescia há 24 anos. Observem que já não estamos falando nos últimos 20 anos. Já ultrapassamos o período de 64, para recuar a 1961, no reajuste das injustiças salariais impostas aos trabalhadores brasileiros.

Esses são dados incontestáveis. E tudo não aconteceu por acaso. É uma obra de engenharia política difícil, que tem custado muito trabalho. Tem custado esforço. E nós enfrentamos grandes problemas.

Vocês, brasileiros, que me ouvem, ponham-se um pouco no meu lugar. Avaliem um homem que, às quatro horas da manhã do dia 15 de março, é avisado que vai assumir a Presidência da República às 9 horas.

Assumi. E assumi com todos os problemas do Brasil acrescentados com a tragédia da morte de Tancredo Neves.

Hoje, já enfrentamos mais de quinhentas greves. Não me foi dada uma trégua sequer.

E ninguém veja neste registro qualquer ressentimento. Esse é meu dever. E eu vou cumprir o meu dever.

Tive de lutar para vencer a crise da reforma agrária. Fui censurado por uns e censurado por outros, mas tive a coragem de enfrentar esse problema grave, dentro do lema: "Paz na terra".

Tive que governar com forças heterogêneas, com equipes diversas, com uma administração desarticulada que herdei do passado. Para suprir tudo isso, apliquei toda a minha capacidade de trabalho, esforcei-me ao máximo, busquei minhas reservas de fé, de obstinação e de sonho.

Mas estou feliz, porque todos nós estamos vencendo. E saímos do pessimismo.

Tem algum segredo? Tem! E o apoio do povo. São os 85% de respaldo da opinião pública.

Esta é minha força. E a força que me dá coragem para prosseguir nessa luta. Os brasileiros sabem que eu preciso ser ajudado e que não decepcionarei os homens e mulheres de minha terra.

Posso dizer com sinceridade à nossa gente:

— Graças a Deus, o Brasil está nos trilhos.

O País vai dar certo! Muito Obrigado.

## Constituinte será votada no dia 19

O presidente José Sarney e os líderes da Aliança Democrática decidiram, na reunião da manhã de ontem do Conselho Político, iniciar o novo esforço concentrado, a partir do próximo dia 19, para votar a emenda convocando a Assembleia Nacional Constituinte, a reforma tributária, a proposta orçamentária de 86, o Plano Nacional de Informática, o horário de seis horas para os econômicos, a redução no prazo da filiação partidária de um ano para seis meses e o novo pacote fiscal que se acha em elaboração.

O presidente José Sarney fez questão de chamar a atenção dos líderes do PMDB e do PFL de que o pacote fiscal que o Governo está em vias de enviar ao Congresso Nacional não prejudicará os interesses dos assalariados. Terá, pelo contrário, papel importante a desempenhar na luta que as autoridades governamentais travam para sanear a economia nacional. Sarney pediu aos líderes para que procurem transmitir essa garantia aos seus companheiros de bancada.

Sarney foi informado pelo líder do PMDB na Câmara, Pimenta da Veiga, de que a segunda etapa da votação da Constituinte não deverá sofrer tantos transtornos como no primeiro turno, "embora como em toda a votação deva ser uma sessão agitada".

Na falta de assuntos palpitantes em discussão no Congresso Nacional, que vise o vazio do recesso "branco", Sarney fez ontem, na reunião, um balanço da situação pré-eleitoral nas capitais.

O presidente José Sarney recebeu do líder Pimenta da Veiga a informação de que o PMDB deverá sair vitorioso em 18 das 23 ca-

pitais brasileiras, nas eleições para prefeitos municipais, em 15 de novembro. Com relação à situação de São Paulo, onde o ex-presidente Jânio Quadros (PTB) ameaça a hegemonia do PMDB, Pimenta disse a Sarney que o senador Fernando Henrique Cardoso "vencerá com uma vantagem confortável, ao contrário do que vem sendo anunciado".

A denúncia de fraude eleitoral em Natal, e a condenação do ministro Nelson Ribeiro no processo da gleba Aurá, no Pará, não foram discutidas na reunião do Conselho, segundo o relato feito por Pimenta aos jornalistas.

Além de Pimenta, estiveram na reunião do Conselho os líderes do PFL, deputado José Lourenço e senador Aderbal Jurema (substituindo o senador Carlos Chiarelli) e o líder em exercício do PMDB no Senado, Hélio Guelros.

Como de hábito, dois ministros também compuseram a mesa do Conselho: José Hugo Castelo Branco (Gabinete Civil) e Fernando Lyra (Justiça), este último em posição pouco cômoda, porque está apoiando no Recife o candidato Jarbas Vasconcelos, do PSB, apesar de o PMDB ter escolhido o deputado Sérgio Murilo.

Pimenta da Veiga fez ainda um relato ao presidente Sarney do andamento das negociações com os funcionários da Caixa Econômica Federal, acertando a votação do projeto que concede as seis horas a partir de janeiro de 1987. Certo de que o seu ministro da Fazenda, Dilson Funaro, não referendará este entendimento, Sarney não emitiu juízo de valor sobre as considerações do líder do PMDB.

GILBERTO ALVES



Sarney pede ao Conselho Político um balanço das eleições

## Literatura abre a reunião

A presença de dois imortais — José Sarney, da Academia Brasileira de Letras, Aderbal Jurema, da Academia Brasileira, ambos poetas — alterou a rotina do Conselho Político. Os dois recordaram-se do tempo em que o presidente José Sarney ensaiava os primeiros versos e acompanhava o já então conhecido secretário de Educação de Pernambuco, Aderbal Jurema, e o famoso Gilberto Freyre na visita à prisão de Alcântara, uma das glórias maranhenses.

Riram-se Sarney e Jurema, bem como os outros integrantes do conselho, da estupefação de Gilberto Freyre nas homenagens que uma distinta senhora de São Luís lhe prestou. Cavalheiro, com vivência além trópicos, Gilberto encantou a sociedade beijando a mão das senhoras que lhe apresentaram. Uma delas, cujo nome não foi recordado, inverteu a homenagem e beijou as mãos do sociólogo, que não se conteve:

— Ela quebrou o protocolo. Isto não estava previsto.

No diálogo ameno, provocado por Aderbal Jurema, companheiro de Sarney na Academia Brasileira de Letras, decorrido enquanto tomavam as fotografias, o senador, líder em exercício do PFL, comparou "Casa Grande e Senzala" às eleições do próximo dia 15. Ambos ficarão para sempre como verdadeiros marcos. A sociologia nacional mudou após o livro de Freyre, o quadro político será outro após as eleições.

O presidente José Sarney não aceitou o tema, mas voltou a sor-

rir e discutir literatura quando o líder do PFL na câmara, José Lourenço (BA), perguntou se os outros conheciam a biblioteca do Presidente em São Luís. Satisfeito, Sarney informou-lhes que a biblioteca tem quase 20 mil volumes, catalogados, e que foi começada por seu avô, aprimorada pelo pai e, agora, ampliada. Ele já decidiu que a deixará, por morte, para uma Fundação.

O Presidente tinha outra satisfação na área cultural. E que deverá mandar para o Congresso, ainda este ano, como anúncio em seu pronunciamento de ontem à noite, projeto criando incentivos para a cultura. Durante seus mandatos de senador ele tentou aprovar estes incentivos, mas sempre recebeu objeção da realeza econômica.

O último ato de José Sarney como senador da República foi reapresentar este projeto, que tomou o nº 18-A. A data é 14 de março de 1985. Sua proposta é de que as pessoas físicas poderão deduzir do Imposto de Renda as quantias efetivamente dispendidas em operações de interesse cultural. Entre essas operações estão a aquisição de obras de arte ou de valor histórico e cultural; edição de livros artísticos, concessão de prêmios culturais, restauração, preservação e conservação de prédios de interesse do Patrimônio; realização de congressos e seminários culturais; apoio e preservação do folclore, promoção de manifestações musicais sem fins comerciais; e outras.